



## Narrativa jornalística e cotidianidade: aproximações ao conceito de desacontecimento noticioso

Tayane Abib<sup>1</sup>.

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

**Resumo:** Neste artigo, revisita-se a literatura sobre cultura profissional jornalística e cotidianidade, combinando-a à perspectiva da Filosofia da Proximidade, proposta por Josep María Esquirol (2006; 2009), a fim de reunir elementos teóricos para a fundamentação do conceito de desacontecimento noticioso. Em chave de contraposição ao modelo informativo tradicional, tal matriz propositiva assume contornos de provocação e resistência aos valores de desvio e proeminência que caracterizam a cobertura hegemônica, de modo a inscrever a noticiabilidade de fatos não-marcados e a articulação de dispositivos dialógico-afetivos, que conjugam mirada atenta, esvaziamento de si e movimento sensível ao Outro, na prática profissional.

**Palavras-chave:** narrativa jornalística; cotidianidade; desacontecimento; filosofia da proximidade.

### 1. Introdução

“Quanto nos falta ainda compreender dos inúmeros artifícios dos ‘obscuros heróis’ do efêmero, andarilhos da cidade, moradores dos bairros [...]. Como tudo isto é admirável!”, diz-nos Michel de Certeau (1994, p. 342), em sua obra *A invenção do cotidiano*. Para além das representações oficiais, o historiador francês não nos deixa esquecer de que a cultura é de fato organizada e sustentada pelas dimensões da oralidade e do

---

<sup>1</sup> Jornalista e mestre em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Doutoranda em Comunicação pela mesma instituição. Pesquisa desenvolvida com apoio FAPESP (processo 2018/01541-9. E-mail: tayane.abib@unesp.br

ordinário, e de que há apropriação, pelos homens e mulheres comuns, de astúcias sutis para caminhar pela “floresta dos produtos impostos” (1994, p. 13).

Em *Aproximações de quê?*, o romancista Georges Perec (2010, p. 178) reflete sobre a noção de ‘infra-ordinário’ e contribui para uma articulação entre tal perspectiva e o jornalismo, lançando as indagações que orientam esse nosso estudo: “os jornais falam de tudo, exceto do corriqueiro. [...] O que acontece realmente, o que nós vivemos, o resto, todo o resto, onde ele está? O que se passa a cada dia, o banal, o ruído de fundo?”. Nossos esforços teóricos se concentram, neste sentido, em alinhar narrativa jornalística e noticiabilidade do cotidiano, a partir da voz do homem ordinário, em chave de contraposição ao valor de desvio e proeminência que caracterizam o acontecimento jornalístico.

Se a prática noticiosa hegemônica “marca” o mundo apenas com o visível imediato, interessa-nos enfatizar dinâmicas que registram “o invisível que caracteriza os desejos e as esperanças” (SODRÉ, 2009, p. 99), configurando o que aqui optamos por denominar Desacontecimento jornalístico. Especificamente, propomos desenvolver incursões dialógicas, desde diferentes campos do conhecimento, que nos ajudem a reunir elementos teóricos para a fundamentação do conceito – de modo a revisitar a literatura sobre cultura profissional jornalística (TRAQUINA, 2008; SODRÉ, 2009; CHARAUDEAU, 2009) e cotidianidade (CERTEAU, 1994; MAFFESOLI, 1984), combinando-a à perspectiva da Filosofia da Proximidade, proposta por Josep María Esquirol (2006; 2009).

## **2. O desacontecimento enquanto notícia**

O acontecimento, diz-nos Charaudeau (2009, p. 95), “nunca é transmitido à instância de recepção em seu estado bruto”, mas “depende do olhar que se estende sobre ele, olhar de um sujeito que o integra num sistema de pensamento e, assim fazendo, o torna inteligível”. Em Muniz Sodré (2009, p. 38), esse sistema de pensamento é referido como enquadre, isto é, “um sistema de referências (regras, esquemas interpretativos)

(...) que se afina evidentemente com a cultura de um grupo específico”. Tribo jornalística é o termo assumido por Nelson Traquina (2005) para ressaltar que, entre a comunidade profissional, há a partilha de um quadro comum de referências cognitivas, perceptivas e avaliativas a moldar o produto jornalístico: especificamente, o autor português evidencia as maneiras altamente homogêneas de ver, agir e falar dos membros dessa tribo.

Em outras palavras, a cultura noticiosa é composta pelos saberes específicos de reconhecimento, procedimento e narração, que caracterizam o agir profissional e orientam o universo da informação midiática que, como bem sublinha Charaudeau (2006, p. 151), “é efetivamente um universo construído”. Ainda que os membros da comunidade profissional resistam a discussões que se contraponham à teoria do espelho, uma vez que sua legitimidade está assente na crença social de que as notícias refletem a realidade<sup>2</sup>, o conteúdo midiático – tal qual reforçam os autores aqui articulados – denota a presença de um *ethos* especializado a guiar cada etapa da produção informativa.

A notícia constitui-se como o relato de um acontecimento factual, ou seja, inscrito na realidade histórica e, logo, suscetível de comprovação. Esta implica a construção do acontecimento segundo os parâmetros jornalísticos de tratamento do fato, ou seja, uma prática que comporta apuração de dados e informações, entrevistas, redação e edição de textos, em função da “cultura” jornalística, isto é, do conjunto de regras, hábitos e convenções que estruturam o campo profissional da imprensa. (Sodré, 2009, p. 71)

Alinhados à perspectiva de Sodré (2009), portanto, evidenciamos que a dinâmica jornalística, operando tradicionalmente em função de referências cognitivas, perceptivas e avaliativas, não trabalha com fatos brutos, mas sim com aquilo que o intelectual brasileiro denominou de “fatos marcados”. A ideia de marcação vem precisamente sublinhar que não é qualquer fato que desperta o sistema da informação pública, isto é, que ganha o estatuto de noticiável. Antes, é preciso que esses fatos se integrem a parâmetros definidos e difundidos pela cultura profissional – os critérios de noticiabilidade, que nada

---

<sup>2</sup> Dizer que uma notícia é uma estória, na visão de Gaye Tuchman (1999, p. 262) não é, de modo algum rebaixar a notícia, ou acusá-la de ser fictícia. Melhor, “alerta-nos para o fato de a notícia, como todos os documentos públicos, ser uma realidade construída possuidora de sua própria validade interna. Os relatos noticiosos, mais uma realidade seletiva do que uma realidade sintética, como acontece na literatura, existem por si só. Eles são documentos públicos que colocam um mundo à nossa frente”.

mais fazem que estabelecer um controle nos fluxos, econômicos, políticos e sociais, que atuam no espaço urbano.

O acontecimento jornalístico é, no fundo, um objeto de racionalizações: desde o seu surgimento, passa por uma série de adequações, estruturando-se de acordo com as lógicas e interesses das corporações. De fato, podemos dizer que um acontecimento só se torna acontecimento ao passar pelo que Charaudeau (2009) chama de “máquina de informar”, quer dizer, por filtros construtores de sentidos, ou, nas palavras de Tuchman (1978), por uma “teia de facticidade<sup>3</sup>” e, ainda em Traquina (2005), pelas categorias estratégicas da “Novaslândia”.

Se o acontecimento, isto é, o ponto de partida de toda dinâmica jornalística, é resultado de uma leitura, estamos diante de uma assertiva central nesse nosso estudo: “a seleção dos acontecimentos impõe um certo recorte do espaço público e uma certa configuração do acontecimento” (Charaudeau, 2009, p. 137). Precisamos, por isso, problematizar a reflexão sobre os fatores que presidem as escolhas efetuadas pela instância mediática e sobre as próprias implicações de suas operações.

Assumindo, na linha de pensamento do autor francês, que o acontecimento “só pode emergir numa fratura” (p. 101), constatamos que a própria mirada jornalística e, conseqüentemente, a nossa relação com a realidade que nos cerca, situa-se no nível ora do notável, ora do inesperado e ora da desordem. Não à toa, Adriano Duarte Rodrigues (1999, p. 27) fala em “natureza especial do acontecimento”, para indicar a percepção de que o mesmo é ditado pela lei da imprevisibilidade, enquanto Stella Martini (2000, p. 30) o descreve como “uma ruptura que se destaca sobre um fundo uniforme e constitui uma diferença”.

Está-se a enfatizar, em todas essas acepções, o potencial de saliência como característica principal do acontecimento jornalístico, quer dizer, o seu caráter de irrupção do improvável: quanto menos previsível for, mais interesse deverá despertar entre os membros da tribo jornalística. Esse aspecto, afinal de contas, é como a constante que

---

<sup>3</sup> “News judgement: entendido como a sua experiência e senso comum que lhe permitam atribuir aos fatos o valor de “importantes” e “interessantes”. Parece que o news judgement é o conhecimento sagrado, a capacidade secreta do jornalista que o diferencia das outras pessoas” (Tuchman, 1972, p. 85).

prevalece em todos os estudos de noticiabilidade<sup>4</sup>. A prática hegemônica, ou tradicional, das organizações jornalísticas, considerando os processos de seleção que foram histórica e culturalmente construídos, “marca” o mundo apenas com o visível imediato, ainda que dele também faça parte, alerta-nos Sodré (2009, p. 99), “o invisível que caracteriza os desejos e as esperanças”.

Ora, precisamos nos lembrar de que toda escolha se compõe daquilo que retém e daquilo que despreza. A escolha, pontua Charaudeau (2009, p. 38), “põe em evidência certos fatos, deixando outros à sombra”. Há, neste sentido, determinados aspectos da realidade que acabam por ficar de fora de nosso conhecimento sobre o que nos cerca, uma vez que não ganham a marcação da noticiabilidade pelo grupo profissional. Esses fatos que Sodré (2009, p. 76) denomina como “não-marcados” não significam fatos sem importância social, mas sim “fatos não imediatamente relevantes para o cânone da cultura jornalística [...] normalmente desconsiderados pela marcação (pauta) da grande mídia”.

Trata-se do que aqui elegemos designar Desacontecimento jornalístico, como que a indicar uma matriz de resistência aos critérios tradicionais de produção da notícia, um certo tipo de estratégia de narração do fato social. Em consonância com o tom provocador da jornalista brasileira Eliane Brum<sup>5</sup> (2013, p. 13), que com esse conceito definiu sua dinâmica, a palavra “dá conta de uma escolha: escrever sobre a extraordinária vida comum, sobre o cotidiano dos homens e das mulheres que tecem os dias e também o país, mas nem sempre são contados na história”.

---

<sup>4</sup> Johan Galtung e Mari Holmboe Ruge (1965) foram os primeiros a apresentarem uma lista sistematizada de valores-notícia. Mauro Wolf (2003), Nilson Lage (2001), Manuel Chaparro (2004), entre outros teóricos da comunicação, também abordaram a noticiabilidade, no âmbito de uma cultura jornalística. Optamos por pontuar, aqui, as formulações de Nelson Traquina (2005) acerca dos critérios de seleção, no subgrupo dos critérios substantivos, que se referem à avaliação direta do acontecimento em termos de sua importância ou interesse como notícia: morte, notoriedade (destaque ou visibilidade do ator principal), proximidade (geográfica ou cultural), relevância (impacto do acontecimento), novidade, tempo (atualidade), notabilidade, inesperado, conflito e infração.

<sup>5</sup> A jornalista gaúcha iniciou sua carreira profissional no diário *Zero Hora*, de Porto Alegre, em 1989, onde permaneceu atuando como repórter até 2000. Dessa primeira fase de seu trabalho, é possível encontrar um compilado de suas reportagens no livro *A vida que ninguém vê* (2006). Em 2000, mudou-se para São Paulo e colaborou, por treze anos, como repórter especial e colunista da revista *Época*. Desse período resulta sua obra *O olho da rua* (2008). Desde novembro de 2013, Eliane Brum assina colunas quinzenais, também traduzidas ao espanhol, no *El País* Brasil, *El País* Espanha e *El País* América Latina.

No fundo, é como se o interesse noticioso dessa tal matriz operasse às avessas, em código contrário à própria natureza de imprevisibilidade que constitui um acontecimento: se a história da imprensa testemunha uma predileção pelo insólito ou pela desordem, um certo tipo de anti-notícia deve se pautar pelo rotineiro ou pelo comum – em ordem da quebra, a continuidade; no lugar do extraordinário, o banal. O que se repete. O que é de todos os dias. A noticiabilidade provocativa ao *modus operandi* hegemônico reside, assim, no território da vida cotidiana, essa vida de *todo* homem, como define Agnes Heller (2000, p. 17, grifo da autora), “onde todos a vivem, sem nenhuma exceção, qualquer que seja seu posto na divisão do trabalho intelectual e físico”.

### **3. Cotidianidade como valor jornalístico**

O cotidiano, de acordo com Heller (2000), é onde se manifesta o homem inteiro, isto é, onde ele manifesta os aspectos de sua individualidade, onde pode colocar “em funcionamento todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, seus sentimentos, paixões, ideias e ideologias”. Michel de Certeau (1994, p. 31) nos diz que o cotidiano, aquilo que nos é dado cada dia e que nos cabe em partilha, é fadiga, mas é também desejo. É o peso da vida e dificuldade de viver, é aquilo que nos prende intimamente, mas é também “um mundo que amamos profundamente, memória olfativa, memória dos lugares, memórias do corpo, dos gestos da infância, dos prazeres”.

Por isso, para o intelectual francês, o domínio de uma história do cotidiano – que ele denomina de não-história, é, na verdade, o invisível. Afinal de contas, por trás do ritmo fixo, da repetição e da rigorosa regularidade que estrutura a cotidianidade, escreve Heller (2000, p. 40), cada qual “se apropria a seu modo da realidade e impõe a ela a marca de sua personalidade”. É neste sentido que acreditamos que o campo pode contribuir com a prática jornalística: o profissional que se atenta aos minúsculos do cotidiano é capaz de descobrir que há espontaneidade, há criação e recriação na vida de todos os dias.

Para além das marcas criativas que habitam nosso fervilhar existencial, Michel Maffesoli nos ensina que no cotidiano encontramos também elementos de socialidade

que designam o próprio fundamento do estar-junto. Sua abordagem sociológica é bastante crítica em relação às elites intelectuais e políticas que, segundo ele (2009, p. 18, grifos do autor), têm uma defasagem extraordinária quando o assunto são *as coisas da vida*. Tão centrados estão em seu modo de pensar e sua maneira de ser – democracia, cidadania, contrato social -, afirma o autor, “que cheiram a um século XVIII e um século XIX que lhes servem de referências teóricas” (idem). Parecem não compreender, completa o autor, que há vitalidade no vivido feito de banalidades.

Na contramão dos que enxergam o social como resultante de uma lógica determinada econômica ou politicamente, deste modo, a sociologia da vida cotidiana de Maffesoli (2005, p. 102) quer integrar “no e pelo conhecimento tudo o que está próximo: ressaltar todos os fragmentos, essas situações minúsculas, essas banalidades que por sedimentação constituem o essencial da existência”. Sua reflexão aceita, assim, o desafio epistemológico daquilo que ele chama de ‘lógica do doméstico’. Estar à altura do cotidiano, reconhecer que “só existe saber enraizado na existência comum” (2004, p. 12): essas são as propostas de sua *Razão sensível* (1996) ou do *Conhecimento comum* (1985).

As palavras tornam-se fúteis quando se desvinculam da realidade vivenciada. Deixam de ter energia própria. E se tornam, com isto, incapazes de dar conta da energia em ação na socialidade [...]. É preciso saber catalisar o que é vivenciado, justamente porque é vivenciado.

Ater-se à coisa em si e ‘amplificar’ seus efeitos. O mundo das raízes. O da matriz subterrânea das coisas. O mundo dessas *invisibilia* que garantem a secreta coerência do todo natural e cultural. *A alma do mundo*. Com efeito, é nos bastidores da existência que encontramos a verdadeira mola propulsora de tudo que é (MAFFESOLI, 2004, p. 17, grifos do autor).

O vivido, portanto, também no jornalismo, não pode ser visto como o sintoma de outra coisa, mas deve bastar por si mesmo. Inclusive enquanto pauta noticiosa. Na localidade, na vizinhança, no território, no interior se esboçam modos de ser e de estar-juntos que precisamos nos empenhar em apreender. Cumpre-nos voltar os olhos, aconselha Maffesoli (1984, p. 11), em uma assertiva que pode muito bem interpelar jornalistas, “para esta vida de todo dia que, de modo caótico e aleatório, no tédio e na exuberância, prossegue seu caminho de modo obstinado e um tanto incompreensível”.

Quando insistimos no valor da trama cotidiana, das microatitudes e das situações pontuais, a princípio, em particular, insignificantes e efêmeras, é porque, na verdade, dela escapam permanências e potências sociais, isto é, “a irreprimível e misteriosa vontade de viver de toda existência individual e social” (MAFFESOLI, 1984, p. 12). Se os pequenos fatos da vida cotidiana, na visão do intelectual francês, não podem ser esquecidos pela investigação sociológica, uma vez que constituem o essencial da cena social, tampouco podem ser negligenciados por uma dinâmica jornalística que se deseja divergente – intersubjetiva em seus processos.

As vozes, os sonhos, os gostos, as cores, as intimidades e memórias, os sentidos estão prontos para serem partilhados nesse espaço que, essencialmente, é heterogêneo: mescla imprevistos, ambivalências, amarguras e alegrias, os nada ou os restos que perfazem toda nossa existência. São nos menores gestos que materializamos nossa subjetividade e são eles também que carregam elementos de nossa socialidade:

Ressalta-se que é na vida mais concreta que existe mais socialidade. Longe das estruturas econômica ou política, a comunicação enquanto função essencial, perfeita, inscreve-se nos lugares mais humildes, nas situações mais banais. É conhecido que, quando num vilarejo ou num bairro um bar fecha suas portas, é um pouco de vida que cessa. No espaço humilde onde se exprimem tantas alegrias e desventuras, nesse espaço onde estão em jogo tantos afetos e conversações, a sólida trama social se constitui gradativamente (MAFFESOLI, 1984, p. 61).

É por isso, também, que ao cotidiano interessa situar-se na temporalidade do presente. O aqui e o agora é carregado de intensidade, o substrato da vida diária só é acessível por esses momentos pontuais, por vezes precários, mas nunca vazios ou monótonos. Há, também, que se destacar o valor dos espaços, que acabam por moldar os hábitos e costumes do dia-a-dia e, em última instância, permitem estruturar a própria vida comunitária. A cidade, os bairros, as ruas e casas são “potencialmente ricas em aventuras”, segundo Maffesoli (1984, p. 27), porque “através do jogo da diferença, podem provocar situações, encontros e momentos particularmente intensos”.

Eis, então, um terreno fértil e diversificado onde a noticiabilidade jornalística pode se reinventar: “o mecanismo das criações minúsculas, essas situações da vida cotidiana, é, nesse sentido, um domínio ideal onde se pode ver a repetição tornar-se criação ou recriação” (MAFFESOLI, 1984, p. 162). A sociologia do cotidiano ensina-nos uma



nova tática frente ao esgotamento do modelo informativo tradicional e à própria limitação do campo semântico do acontecimento. Ensina-nos que existe intensidade nos fenômenos minúsculos, banais, que, à primeira vista, nos parecem superficiais. Ensina-nos que há sentido, há potência, há ação criativa e há socialidade no invisível que vivenciamos, aqui e agora, com os outros.

#### **4. Pela Filosofia da Proximidade**

A Filosofia da Proximidade, concebida pelo autor catalão Josep María Esquirol, é nossa via de alcance ao território do desacontecimento. Sua reflexão trata do valor da cotidianidade, da mirada atenta e do diálogo no âmbito das relações humanas e, por isso, pode enriquecer a proposta que estamos a desenvolver aqui – cujo interesse principal é justamente resgatar condutas sensíveis ao Outro e aos seus entornos sociais na prática noticiosa.

Professor da Universitat de Barcelona, Esquirol tem uma trajetória de investigação que bebe do pensamento de Martin Heidegger, Jan Patočka e Emmanuel Levinas, e uma preocupação em promover um discurso conectado ao concreto – por ele entendido como o horizonte da experiência e do mundo da vida (SCHUTZ, 1979). Suas obras fundamentam uma espécie de apologia de tal dimensão, precisamente por considerar que a abstração – processo de extrair algo de algo – apenas tem sentido, inclusive como condição, se estiver vinculada ao concreto. E é no plano da cotidianidade que Esquirol lança essa reivindicação.

Desde 2005, o filósofo publica ensaios que, circundado o grande eixo da alteridade, enfatizam a autenticidade do ritmo dos dias que, longe de empobrecer nossa vida, carrega o profundo que nos associa com os outros.

Lo que más me ha interesado es justamente poner de relieve la riqueza de lo que se llama la cotidianidad. ¿Por qué he hecho esto? En parte porque, en la filosofía contemporánea del siglo XX, especialmente, tanto por la herencia romántica, como por la proliferación del existencialismo, lo cotidiano pasaba siempre a un segundo plano, y parecía como la cosa más mediocre, más vinculada a la homogeneidad, a la uniformidad, a la rutina... O sea, siempre lo cotidiano como casi lo contrapuesto a lo auténtico, como si hubiera un tipo de

.....

vida más excepcional, más extraordinaria, más brillante (ESQUIROL, 2019, informação verbal<sup>6</sup>).

Seus estudos baseiam-se, assim, em uma crítica ao reducionismo que atravessa à mirada das Ciências Sociais, em um nível mais amplo, e dos sujeitos, em um plano de vivências pessoais, que não reconhece que o cotidiano é, de fato, o horizonte de orientação de sentido que compartilhamos. É onde se inscreve o mundo propriamente humano, “no como una totalidad material, sino como una totalidad cultural – con las experiencias, las relaciones humanas, las instituciones y el poder, los sedimentos históricos y los símbolos culturales” (ESQUIROL, 2005, p. 20).

Conforme Alfred Schutz (1979, p. 72), o mundo da vida cotidiana é um mundo intersubjetivo, comum a todos, que contém um estoque de experiências anterior a ele, isto é, marcos de referências socioculturais que foram constituídos e organizados em outro tempo, que funcionam como um código ou conhecimento à mão às nossas experiências atuais, e que nos recordam que o dia-a-dia não é apenas acontecimento privado, e sim espaço vivenciado e interpretado por outros, de modo a implicar afetações.

Há, neste sentido, uma dupla perspectiva que se entrecruza na cotidianidade e que bem se articula à matriz jornalística dos desacontecimentos que estamos a desenvolver aqui: por um lado, a de um âmbito comum que nos estabelece em sentido similar e que faz com que nos “veamos de forma parecida y podamos coordinar nuestros proyectos y nuestros intereses” (ESQUIROL, 2019, p.19); por outro, a de uma subjetividade particular, “originalmente dada al sujeto, a él solamente. Él percibe el mismo objeto que su compañero, pero con coloridos que dependen de su determinado ‘aquí’ y su fenomenal ‘ahora’” (SCHUTZ, 1979, p.161).

À dinâmica do *reporterismo*, a compreensão desses aspectos que constituem o mundo da vida representa a inscrição da cotidianidade como solo fértil à tessitura de narrativas com motivações recíprocas, mas desde a descoberta específica das significações particulares do Outro. Trata-se de um reconhecer o valor das pequenas coisas que compõem nossa rotina, por perceber que, por trás da materialidade ou da inautenticidade

---

<sup>6</sup> Entrevista realizada em 09 de outubro de 2019.

de um uso, jogam criação de sentido e códigos intersubjetivos que vão mais além das aparências.

Em um mundo cada dia mais impessoal, escreve Esquirol (2009, p. 59), em seu livro *El respirar de los días*, reivindicar a cotidianidade é voltar “a hacernos conscientes de la unicidad e irreversibilidad de la vida, y con ello recuperarnos también lo ‘extraño’, en contraste con todos los elementos del sistema que tienden a la homogeneidad”. Ou seja, dar-nos conta de que a repetição e o retorno que formam a vida de todos os dias não só não são contrários à novidade e à mudança, como são os fatores que a possibilitam:

Estas repeticiones – nunca idénticas – buscan volver y, a la vez, labrar el futuro: son repeticiones de corazón, vibraciones del centro. Hay, pues, repeticiones que nada tienen de monótonas ni de claustrofóbicas, antes, al contrario, en algunas repeticiones cotidianas se conjugan el retorno, la oportunidad del ahora y la abertura de futuro (ESQUIROL, 2009, p. 175).

De fato, acrescenta o filósofo catalão, retomar o interesse pelo dia-a-dia é perceber que a cotidianidade é como uma musicalidade – o ritmo que dá segurança, que pauta e orienta a vida. É um domínio, conforme observa Georges Perec (2010), que costuma ser considerado banal pela imprensa, que não presta atenção ao ordinário e não reporta o habitual que nos diz respeito:

Quem nos fala, me dá a impressão, é sempre o acontecimento, o insólito, o extraordinário: na capa, letras garrafais. Os trens só começam a existir quando descarrilam; [...] os aviões somente concedem sua existência quando são sequestrados [...] como se a vida não devesse revelar-se nada além do espetacular, como se o eloquente, o significativo fosse sempre anormal: cataclismos naturais ou calamidades históricas, conflitos sociais, escândalos políticos... (PEREC, 2010, p. 179).

Ao insistir na noção de infra-ordinário como método de leitura do presente, Perec (2010) firma lugar às coisas mínimas que nos cercam, apresentando as interrogações como forma de interpela-las e de desautomatizar o tempo para observar o que se passa. Desenvolve, em certo sentido, uma estratégia de celebrar o singular, de acolher com sensibilidade o que deixamos de registrar – o comum, afinal, converteu-se em seu fazer literário, com a publicação de obras como *Las cosas* (1965), *Tentativa de agotar un lugar parisino* (1975), *Especies de espacios* (1999) e outras onde se evidencia sua des-

criação meticulosa a capturar as características de cada espaço e as formas de utilizá-lo, sem se esquecer da interação criativa entre os sujeitos e seus ambientes, na delimitação da vida diária.

Essa é uma reflexão que se articula a outro pensamento propositivo de Josep María Esquirol (2006), sobre a concepção de *El respeto o la mirada atenta*. Nesta obra, o autor catalão aprofunda as discussões iniciadas no ano anterior acerca valor do concreto, estabelecendo a atenção como uma espécie de caminho “para no perderse en el abstracto y mantener una vinculación con las cosas que no solo son epistemológicas, sino también afectivas” (ESQUIROL, 2019, informação verbal<sup>7</sup>).

A palavra atenção, como afirma Esquirol (idem), tem a virtude de não dissociar, isto é, “atender es, a la vez, ver bien y tratar bien”. O movimento da atenção, entretanto, ainda que pareça parte de nossas ações diárias, não nos é frequente. Estamos a lidar com pessoas e coisas a todo momento, mas tendemos a fazê-lo superficialmente, pontua Esquirol (2006, p. 14), “siguiendo pautas asumidas la mayoría de las veces de forma acrítica”.

El esfuerzo de la atención no consiste en ninguna contracción muscular. Junto a flexibilidad y tensión, vaciamiento. Hay que llevar a cabo un vaciamiento y un desapego con respecto a uno mismo; se ha de suspender el pensamiento para dejarlo más disponible y penetrable, soltar el lastre (por lo menos momentáneamente) de todo lo que nos acompaña, y de este modo, descen-trarnos, salir de nuestro lugar (ESQUIROL, 2006, p. 77).

Não basta, desde modo, estar presente, ou se fazer mais presente na vida dos outros. O mais importante é comprometer-se sob um esvaziamento de si e uma abertura à alteridade. E se a cotidianidade pode representar um risco na tomada deste movimento, ao nos acomodar na repetição das rotinas, bem pode se converter em possibilidade de fomentá-lo, se a assumirmos como espaço de descoberta e de profundidade, tal como inscreve Esquirol, onde os contextos de sentidos subjetivos e sociais se tecem.

A orientação da atenção ao plano da cotidianidade, não obstante, também depende de um aprender a olhar. Isso porque, para o filósofo catalão, o olhar carrega, ademais de uma dimensão cognitiva, um papel ético. Quando associado à atenção, ganha na capacidade de vincular-nos diretamente com as coisas, as pessoas e o mundo, de

---

<sup>7</sup> Entrevista realizada em 09 de outubro de 2019.

forma a se configurar como uma atitude ética de respeito, já que esse coincide precisamente com a proximidade. Desde aí a equivalência, no pensamento de Esquirol (2006, p. 58), dos conceitos de respeito e mirada atenta, no qual cognoscitivo e moral se atravessam “como un acercarse que sabe guardar la distancia”, isto é, sabe valorar a singularidade sem pretender assimilar ou reduzir o Outro.

Lo pertinente de hablar de mirada ética se pone también de manifiesto si recordamos que, en las relaciones interpersonales, la ignorancia o la indiferencia que uno puede exhibir respecto a otro tiene ya una significación moral. Ignorar al otro contrasta, precisamente, con tenerlo en cuenta, con atenderle o considerarle. En este sentido, la atención es el primer movimiento con significación ética. El respeto requiere una atención, y la atención, un acercamiento, una aproximación (ESQUIROL, 2006, p. 16).

A proximidade, deste modo, aumenta nossa sensibilidade, aqui entendida como a capacidade de sermos afetados. Ao nos acercamos, entramos em áreas de influência e de irradiação com as coisas que estão ao nosso redor – implicamo-nos. De tal forma que podemos chegar a perceber que a ideia de ‘grandeza’ nada tem a ver com a estatura de algo ou alguém, e sim com o caráter de extraordinário que habita mesmo no mais comum. Aprender a olhar com atenção, a assumir o respeito como postura ética, leva-nos a nos determos no mais simples, naquilo que é comum, atribuindo-lhe sentido, profundidade.

“No debería ser necesario presenciar acontecimientos ‘extraordinarios’ ni asistir a espectáculos espléndidos para sentir admiración. Lo admirable reside igualmente en lo que nos rodea en nuestra vida cotidiana”, é a defesa de Esquirol (2006, p. 87), ideia que também reside nas noções de Péric (2010) e, sobretudo, o valor que acreditamos estar no fundamento da prática jornalística dos desacontecimentos, cuja busca noticiosa pelas pistas secundárias conduz incursões narrativas pela cotidianidade, almejando apreender a singularidade das tessituras pessoais – rotineiras, mas autênticas.

## 5. Considerações

A responsabilidade das mídias, sintetiza Charaudeau (2006, p. 271), no desfecho de seu livro *Discurso das mídias*, reside em suas escolhas. A seleção dos acontecimen-

tos, a identificação das fontes, a prática da entrevista e da citação, o modo de contar: cada uma dessas etapas integra o quadro de saberes e referenciais partilhados pela comunidade jornalística, também denominada de tribo (TRAQUINA, 2008). O produto noticioso, assim, ao contrário do que sugere a teoria do espelho, reflete não a realidade dos fatos brutos, mas um *ethos* jornalístico historicamente construído e intimamente ligado aos polos simbólico e econômico que constituem o campo. Alinhado às demandas comerciais, portanto, um conjunto de representações, inscritos em uma esfera idealizada sobre o ser jornalista, consolidou-se ao longo dos últimos dois séculos e ainda paira sobre o imaginário profissional.

Há uma identidade profissional, pertencemos a uma comunidade que compartilha valores e interpretações comuns. Assumimos um modo de ser e um modo de fazer, e é preciso que ponderemos, especialmente cientes de que a identidade é um processo social dinâmico, que lógicas estanques têm seus entraves. Daí que se investigue, ainda que de modo introdutório, possibilidades de resistência e de contraposição ao modelo informativo tradicional. Neste artigo, tal intuito toma forma a partir do conceito de desacontecimento noticioso: uma matriz provocativa que, sob o eixo da alteridade, propõe a noticiabilidade de fatos não-marcados (SODRÉ, 2009), através de um interesse à cotidianidade e à voz do homem ordinário (CERTÉAU, 1994) e da articulação de dispositivos dialógico-afetivos, que conjugam mirada atenta, esvaziamento de si e movimento sensível ao Outro – como assinala a Filosofia da Proximidade de Josep María Esquirol.

Trata-se de uma acepção que versa, portanto, sobre um exercício profissional que não se conforma a um *modus operandi* ou não se deixa conduzir por uma rotina corporativista de produção. Antes, encadeia-se conforme o *modus vivendi* dos atores sociais que o cercam. Em outras palavras, toda pessoa é uma possível reportagem, desde que nos disponhamos a ler essa possibilidade, desde que despertemos recursos e aparatos que nos permitam apreendê-la. O dado social, afirma Maffesoli (1984, p. 27), em seus aspectos mais comuns, é potencialmente rico de imensas possibilidades e, através do jogo dos encontros, “pode provocar situações e momentos particularmente intensos”. É nesse emaranhado, defendemos, que o jornalismo e o jornalista devem se imbricar.

## Referências

- BRUM, Eliane. **A menina quebrada e outras colunas de Eliane Brum**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2013.
- CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.
- ESQUIROL, Josep María. **El respeto o la mirada atenta**. Barcelona: Gedisa Editorial, 2006.
- ESQUIROL, Josep María. **El respirar de los días**. Barcelona: Paidós, 2009.
- ESQUIROL, Josep María. **La penúltima bondat: assaig sobre la vida humana**. Barcelona: Quaderns Crema, 2018.
- ESQUIROL, Josep María. **La resistència íntima: ensayo de una filosofía de la proximidad**. Barcelona: Acantilado, 2015.
- ESQUIROL, Josep María. **Uno mismo y los otros: de las experiencias existenciales a la interculturalidad**. Barcelona: Herder Editorial, 2005.
- HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- MAFFESOLI, Michel. **O conhecimento comum: introdução à sociologia compreensiva**. Porto Alegre: Sulina, 2010.
- MAFFESOLI, Michel. **A conquista do presente**. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.
- MAFFESOLI, Michel. **O mistério da conjunção: ensaios sobre comunicação, corpo e socialidade**. Porto Alegre: Sulinas, 2005.
- MAFFESOLI, Michel. **O ritmo da vida**. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 2007.
- MAFFESOLI, Michel. **Elogio da razão sensível**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- MARTINI, Stella. **Periodismo, noticia y noticiabilidad**. Buenos Aires: Editorial Norma, 2000.
- PEREC, Georges. **Especies de espacios**. Barcelona: Montesinos, 2010.
- PEREC, Georges. **La vida: instrucciones de uso**. Barcelona: editorial Anagrama, 1978.
- PEREC, Georges. **Las cosas: una historia de los años sesenta**. Barcelona: editorial Seix Barral, 1967.
- PEREC, Georges. **Pensar, clasificar**. Barcelona: Gedisa Editorial, 1986.
- RODRIGUES, Adriano Duarte. O acontecimento. In: TRAQUINA, Nelson (Org). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, 1999.

SCHUTZ, Alfred. **Fenomenologia e Relações sociais**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

SCHUTZ, Alfred. **Life forms and Meaning Structure**. London: Routledge, 2014.

SCHUTZ, Alfred; LUCKMANN, Thomas. **Las estructuras del mundo de la vida**. Buenos Aires: Amarrortu, 1973.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato**: notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis: Vozes, 2009.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Vol. 2. Florianópolis: Insular, 2008.

TUCHMAN, Gaye. A objectividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objectividade dos jornalistas. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo**: questões, teorias e ‘estórias’. Lisboa: Vega, 1993.

ZELIZER, Barbie. Os jornalistas enquanto comunidade interpretativa. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo 2000**. Lisboa: Relógio d’água, 2000.